

Publicidade

| | | | | |
|-------------|----------|----------|----------|--------|
| SITES ABRIL | CELULAR | ASSINE | SHOPPING | |
| Notícias | Esportes | Diversão | Saúde | Mulher |
| | | | Meu site | |

veja
São Paulo

WWW.VEJINHA.COM.BR



FALE CONOSCO
Central de atendimento

CANAL DE COMPRAS



REVISTA DA SEMANA
2 de junho de 2004

➔ ÍNDICE

FAMÍLIA
RESTAURANTES
COMPORTEAMENTO
CIDADE
PERFIL
BICHOS
MODA
AS BOAS COMPRAS
MISTÉRIOS DA CIDADE
TERRAÇO PAULISTANO
A OPINIÃO DO LEITOR
CRÔNICA

➔ ARQUIVO



FAMÍLIA

Cegonha generosa

O número de gêmeos e trigêmeos em cinco grandes maternidades particulares de São Paulo cresceu 31% nos últimos dois anos. Tratamentos para a infertilidade são o principal motivo desse baby boom

Lúcia Monteiro

Fotos Mario Rodrigues



Gabriela e Mariana Cohen, de 8 anos: por vontade própria, elas estudam em classes e turnos separados

Fotos Mario Rodrigues



Naiala, Caian e Mariah Morena Bandeira de Melo, de 3 meses: planilha para controlar horários das mamadas, dos remédios e do banho

Veja também

- ➔ **Produtos para facilitar a vida dos pais**
- ➔ **Clínicas de reprodução assistida e dicas de sites**

Depois da II Guerra Mundial, o mundo assistiu a uma verdadeira explosão de nascimentos, fenômeno que ficou conhecido como baby boom. Naquela época, as perspectivas de paz e prosperidade levaram milhões de mulheres americanas e européias a engravidar. Atualmente, graças sobretudo aos avançados tratamentos para infertilidade, que aumentam em até trinta vezes a possibilidade de filhos múltiplos, outro tipo de baby boom

está ganhando força na cidade – só que, desta vez, em dose dupla ou tripla. Nunca nasceram tantos gêmeos e trigêmeos por aqui. Nas cinco maiores maternidades particulares da capital, o número de partos de gêmeos e trigêmeos saltou de 517 para 681 nos últimos dois anos – 31,7% a mais. O crescimento impressiona, principalmente quando comparado ao do total de nascimentos no mesmo período (5%). "São Paulo é a campeã nacional em fertilização e em nascimentos de múltiplos", afirma Artur Dzik, diretor do setor de esterilidade conjugal do Hospital Pérola Byington. Não só em números absolutos, mas proporcionalmente à quantidade de partos realizados.

Fotos Mario Rodrigues



Gabriel e Henrique Gibertoni, de 5 meses: cirurgia delicada durante a gestação

Fotos Mario Rodrigues



Mariam e Sumaia Osman, de 2 anos: agora só querem comprar roupas iguais

Se antes parecia raridade encontrá-los na mesma sala de aula ou no mesmo prédio, agora o fato se tornou mais corriqueiro. No Colégio Magno, no Campo Belo, o número de gêmeos praticamente dobrou nos últimos oito anos. Saltou de dezessete para 32. "Temos só três minutos de diferença. Eu nasci primeiro", conta o falante Bruno Donni, 7 anos, que estuda na 1ª C com o irmão Igor e com outra dupla, Arthur e Gustavo dos Santos. Os quatro nasceram de gravidez múltipla espontânea – isso ocorre apenas em 1% dos partos. No fim dos anos 90, quando os gêmeos começaram a pipocar ainda timidamente na escola Carlitos, no Pacaembu, a diretora Manuela Anabuki resolveu pedir auxílio a um psicólogo para definir se eles deveriam estudar juntos ou não. "Decidimos avaliar caso a caso e indicamos classes separadas a partir da 1ª série", conta Manuela. "Eles têm de aprender a se virar sozinhos e cada um deve criar o próprio círculo de amigos." Na Carlitos, até as filhas de Simone Zaterka, uma das sócias, são gêmeas. Mariana e Gabriela, de 8 anos, estudam em classes e turnos separados – e adoram. Já Antonia e Joana Pontes de Souza, do pré, ficam na mesma classe. "Por enquanto, uma não está empatando o desenvolvimento da outra", diz a mãe, a psicóloga Sara Lúcia. "Mas estou atenta."

Fotos Mario Rodrigues



Antonia (no alto), com Joana de Souza, de 6 anos: "O mais legal é que tenho sempre alguém para brincar"

Fotos Mario Rodrigues



Bruno e Igor Donni, de 7 anos: 32 pares de gêmeos no colégio

Outro termômetro interessante é a agência e escola de qualificação profissional Tramat Brasil, na Vila Mariana. A procura por babás para cuidar de filhos múltiplos disparou desde 2000. Para atender à demanda, a empresa passou a preparar profissionais especializados. O treinamento é o mesmo para quem vai trabalhar em berçário, ou seja, aprender a lidar com a choradeira simultânea. "Na hora de dormir, um quer acordar o outro", diz a babá Vanessa Moreira – salário mensal de 1.400 reais e uma família com trigêmeos e duas com gêmeos no currículo. "Também disputam atenção e adoram fazer arte juntos. Não posso bobear nem por um segundo."

Mesmo quando têm ajudantes, as mães se esfalfam. "Logo que os meninos nasceram, fiquei doze dias quase sem pregar o olho", afirma a atriz Alethea Miranda dos Santos, mãe de Caian, Mariah Morena e Naiala, os bebês de 3 meses que aparecem na capa desta edição. "Passo o dia inteiro dando de mamar." Para evitar confusões, criou planilhas. Em três diários detalhados, estão anotados a hora em que tomaram banho, quantas vezes fizeram xixi ou cocô, o tempo de sono, a temperatura e até se o choro foi diferente do normal. Ela comprou um apartamento maior e ali administra uma microempresa: duas enfermeiras, uma cozinheira e uma lavadeira. E, sinal dos tempos, logo depois da mudança para um edifício no Jardim Paulista, Alethea descobriu que a vizinha de cima tinha gêmeos. Depois de três anos de tentativas para engravidar naturalmente, a atriz resolveu procurar ajuda. No primeiro mês de tratamento, recebeu doses de hormônio para estimular a ovulação e, na primeira inseminação artificial, bingo! Três embriões se formaram.

Mario Rodrigues



Carlos Eduardo, Maria Gabriela e Ana Carolina Fraga, de 5 anos: para desenvolver a individualidade, a família instituiu o dia do filho único

A notícia chega aos pais num misto de susto e alegria. "Logo que tudo foi confirmado, meu marido não queria acreditar que teríamos trigêmeos. Demorou para cair a ficha", diz a advogada Tania Fraga, que engravidou após mais de cinco tentativas fracassadas de fertilização in vitro. Quando os bebês nasceram, a rotina da família foi completamente alterada. A mãe e a irmã de Tania mudaram-se para a casa dela e começaram a ajudá-la a cuidar de Carlos Eduardo, Maria Gabriela e Ana Carolina, hoje com 5 anos. Pouco mais de um ano depois do nascimento dos trigêmeos, ela engravidou de novo, sem planejar, de Daniel. Para acomodar a turma toda, Tania e o marido, o jornalista Domingos Fraga, tiveram de comprar uma van de sete lugares. "Minhas despesas aumentaram muito, estou trabalhando em dobro e perdi muitos cabelos", conta Fraga. "Mas todo o gasto é infinitamente menor do que a felicidade que trouxeram." Para desenvolver a individualidade dos quatro, os Fraga instituíram o dia do filho único: uma vez por mês, cada criança tem direito a sair sozinha com os pais. Os irmãos ficam em casa com a avó e a tia. Essa atitude é estimulada por especialistas. Outros cuidados recomendados são evitar roupas iguais, chamá-los pelo nome (e não pelo genérico "os gêmeos") e observar as preferências e as características de cada um. Dessa maneira, evita-se que fiquem muito dependentes um do outro.

Mario Rodrigues



Isadora e Juliana Vicente, de 4 anos: uma está sempre defendendo a outra

"Jamais gostei de vesti-las do mesmo jeito, mas agora só me pedem que compre tudo igual", diz a designer de interiores Jumana Osman, mãe de Sumaia e Mariam, de 2 anos, que nasceram depois de uma fertilização in vitro. "Sempre querem vir para o meu colo ao mesmo tempo." A questão da individualidade, no entanto, não preocupa tanto os médicos quanto o perigo de complicações na gestação, no parto e nos primeiros meses de vida. Conforme aumenta o número de bebês na barriga, crescem os riscos para a gestante e para os filhos. "É um pré-natal superespecial", explica o obstetra Mauro Grynspan, que já realizou 200 partos de gêmeos, dezesseis de trigêmeos e um de quadrigêmeos. "As mães precisam ter alguns cuidados, como não engordar muito e fazer repouso", diz ele. Como os partos prematuros são comuns, aplicam-se injeções de corticóide a partir do sexto mês para que os pulmões dos bebês se desenvolvam. Em média, gêmeos nascem com 37 semanas de gestação e trigêmeos, com 33 (o período completo seria de quarenta semanas). Por isso, podem passar meses no hospital. "Com a avalanche de gestações gemelares, o número de crianças que necessitam de UTI aumentou muito", afirma o pediatra Luiz Carlos Bueno Ferreira, chefe do berçário do Hospital e Maternidade São Luiz. "Criamos no ano passado um berçário para bebês com menos de 1,2 quilo."

No Hospital Albert Einstein, os investimentos foram mais significativos. A partir de agosto, a área da UTI neonatal terá capacidade para trinta bebês e ocupará o 7º andar inteiro do hospital. Não é para menos. Só no primeiro quadrimestre, 56 partos de múltiplos foram realizados ali – 51% mais que no mesmo período do ano passado. Nas salas, há pouca luminosidade e bichinhos de pelúcia esterilizados ficam pendurados nas incubadoras. Os pais têm acesso liberado e podem fazer carinho nos filhos quando quiserem. Também há complicações como a dos irmãos Henrique e Gabriel Gibertoni, de 5 meses. Durante sua gestação, um problema circulatório dificultou o crescimento de um deles. Ainda na barriga, os gêmeos tiveram de passar por uma cirurgia delicada. Pela primeira vez no Brasil, esse tipo de procedimento deu certo e eles estão ótimos, distribuindo sorrisos para os pais.

Fotos Mario Rodrigues



Olivetto prepara o enxoval de Theo e Antônia: tudo pronto para julho

Fotos Mario Rodrigues



A babá Vanessa: 1 400 reais por mês para literalmente ter cuidados em dobro

Para cuidarem de casos semelhantes, as equipes médicas do Einstein ganharam reforço. Até um novo equipamento foi desenvolvido. Trata-se de um tubinho bem fino para alimentar nenês com menos de 1 quilo. "Também pretendemos abrir um curso para gestantes de gêmeos", anuncia o pediatra Wladimir Taborda, responsável pelo setor. A tendência, nos próximos anos, é que a quantidade de triplos e quádruplos diminua. Afinal, os métodos de fertilização estão ficando mais precisos e serão necessários menos embriões para obter uma gravidez de sucesso. Alguns países da Europa proíbem que se coloquem mais de dois na barriga da mãe. No Brasil, prevalece o que determina o Conselho Federal de Medicina: quatro, no máximo. "O número de trigêmeos pode até diminuir, mas os gêmeos vieram para ficar", afirma Taborda. Dificilmente os médicos usarão menos de dois embriões e, na inseminação artificial, a mulher acaba produzindo mais de um óvulo por mês, graças a injeções de hormônio.

"Muitos casais chegam ao meu consultório pedindo dois filhos", conta o urologista Roger Abdelmassih. "Quem tem dificuldade para engravidar prefere ter dois filhos de uma só vez." Ele calcula que mais de 4.000 bebês nasceram graças a sua clínica, inaugurada em 1973. Desse total, cerca de 1.200 são gêmeos, trigêmeos ou quadrigêmeos. O publicitário Washington Olivetto é um dos que estão comemorando a perspectiva de ser pai ao quadrado. "Tenho mais de 50 anos e, se fosse um só, seria paparicado demais", analisa ele, que tem um filho de 29 anos de seu primeiro casamento. Sua mulher, Patrícia, tentava engravidar havia dois anos e, em dezembro, descobriu que esperava dois bebês. "Foi uma surpresa agradabilíssima", diz o publicitário. Antônia e Theo devem nascer em julho, e Patrícia já providenciou em Nova York um carrinho duplo com rodas giratórias, fabricado na Nova Zelândia.

A geração do baby boom, que nasceu entre 1946 e 1964, é apontada como responsável por uma série de transformações

nos costumes dos anos 60 e 70. Era a mais numerosa leva de jovens que chegava ao mercado consumidor e às universidades. Alguns dos seus feitos são o rock, a liberação sexual e os movimentos estudantis. Se esses gêmeos e trigêmeos farão grandes transformações no mundo no futuro, ainda é uma incógnita. No Hospital Albert Einstein, os médicos estão iniciando um estudo para acompanhar de perto o desenvolvimento de cada um deles.

As clínicas e seus tratamentos

Um gordo álbum de fotografias é a principal atração da sala de espera do Centro de Reprodução Humana do Hospital Santa Joana, no Paraíso, inaugurado há três anos. Ele reúne retratos de boa parte dos 300 bebês nascidos ali graças a tratamentos de inseminação e fertilização. No total, existem trinta clínicas de reprodução humana em São Paulo. Além do Santa Joana, o Einstein e o São Luiz também possuem centros que dão uma força à

cegonha. Desde 2002, instituições públicas como o Hospital das Clínicas e a Unifesp passaram a oferecer tratamento gratuito (os pacientes pagam pelos medicamentos). O serviço do Hospital Pérola Byington, que estava parado, foi reativado em julho. É o único local a fornecer de graça toda a medicação. No início do ano passado, o Instituto Sapientiae, ligado à Faculdade de Medicina de Jundiaí, fez 150 ciclos gratuitos de fertilização e deve repetir a dose neste ano – mais de 800 pessoas se inscreveram. As filas na rede pública, infelizmente, são gigantescas. Um casal leva até quatro anos para ser atendido.

Os tratamentos mais simples e econômicos para a infertilidade são o chamado coito programado e a inseminação artificial. Custam entre 500 e 4 000 reais por tentativa. Em ambos, a mulher toma injeções de hormônio para estimular a produção de óvulos (normalmente, são liberados no máximo doze por ano; com a medicação, o número sobe para dois ou mais por mês). Através de ultrasonografias, descobre-se o momento ideal para a relação sexual, no caso do coito programado. Se a opção for a inseminação, o sêmen do parceiro é colhido e tratado em laboratório antes de ser inserido no útero com um cateter.

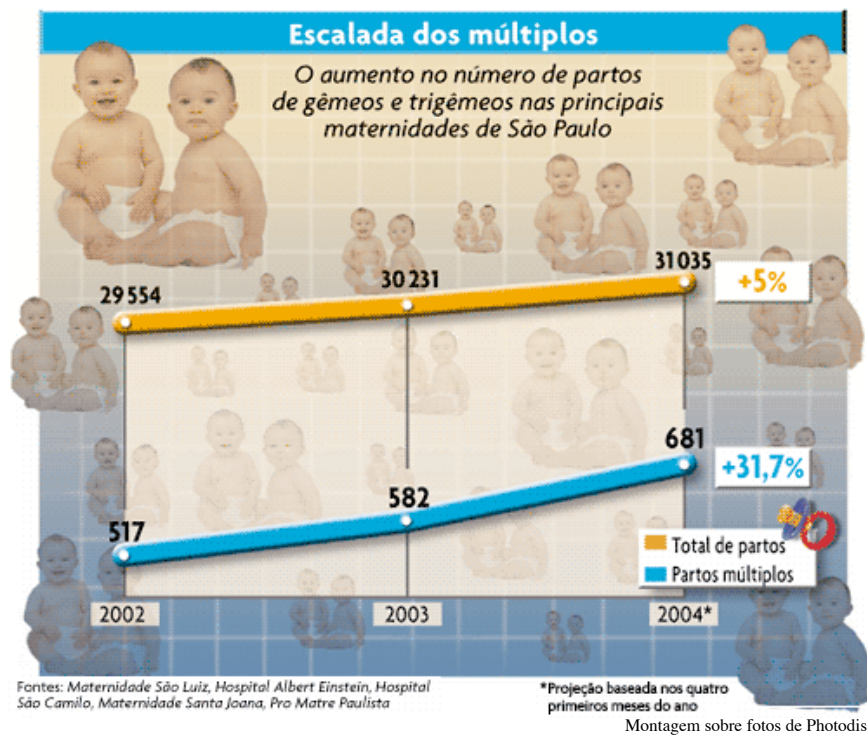
Mario Rodrigues



A embriologista Elizabeth, no Santa Joana: 300 bebês em três anos

A fertilização in vitro tem complexidade e preço maiores – uma tentativa não sai por menos de 14 000 reais. Nela, os óvulos são aspirados e fecundados em laboratório. Depois de três a cinco dias, vão para o útero da futura mãe.

Em 1992, criou-se a ICSI (sigla em inglês para injeção intracitoplasmática de espermatozóide), variação da fertilização in vitro. Na ICSI, é selecionado o melhor espermatozóide para ser inserido dentro de cada óvulo. Na foto ao lado, a embriologista Elizabeth Nanni, do Santa Joana, está visualizando esse procedimento, feito com a ajuda de um micromanipulador que aumenta em 400 vezes a imagem. É preciso analisar caso a caso para escolher o método mais indicado. Todos os especialistas, no entanto, são unânimes em um ponto: o tratamento deve começar por volta dos 30 anos. "O grande limitador é a idade da mulher", diz o médico Eduardo Motta, responsável pelo centro do Santa Joana e um dos sócios da Clínica Huntington, no Jardim Paulista. "Depois dos 35, as taxas de sucesso começam a cair."



topo

voltar